

MATERIALISMO E DIALÉTICA NA TESE DE DOUTORAMENTO DE MARX

MATERIALISMO Y DIALÉCTICA EN LA TESIS DOCTORAL DE MARX

MATERIALISM AND DIALECTICS IN MARX'S DOCTORAL THESIS

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v14i2.47198>

Michael Gonçalves Cordeiro¹

Resumo: O presente artigo objetiva analisar a tese de doutoramento de Marx intitulada *As filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro*, buscando evidenciar, a partir desta obra, os fundamentos materialistas e essencialmente dialéticos da filosofia atomista de Epicuro e suas implicações para a formação do pensamento de Marx, sobretudo no que se refere à posterior elaboração do método materialista-dialético. Igualmente, busca-se demonstrar o materialismo e a dialética como centrais para compreensão da filosofia de Epicuro a partir da tese de Marx, pois fundamenta outras ideias abordadas pelo autor, como a ética de Epicuro, a crítica religiosa, e a germinal superação da filosofia hegeliana.

Palavras-chave: Epicuro. Marx. Materialismo. Dialética. Tese de doutoramento.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar la tesis doctoral de Marx titulada *Las filosofías de la naturaleza en Demócrito y Epicuro*, buscando resaltar, a partir de este trabajo, los fundamentos materialistas y esencialmente dialéticos de la filosofía atomista de Epicuro y sus implicaciones para la formación del pensamiento marxista, especialmente con respecto a la posterior elaboración del método materialista-dialético. Asimismo, busca demostrar el materialismo y la dialéctica como centrales para la comprensión de la filosofía de Epicuro a partir de la tesis de Marx, ya que fundamenta otras ideas abordadas por el autor, como la ética de Epicuro, la crítica religiosa y la superación germinal de la filosofía hegeliana.

Palabras clave: Epicuro. Marx. Materialismo. Dialéctico. Tesis doctoral.

Abstract: The present article aims to analyze Marx's doctoral thesis, entitled *The Philosophies of Nature in Democritus and Epicurus*, seeking to show, from this work, the fundamentals materialists and essentially dialectical of atomist philosophy of Epicurus and its implications for the formation of Marx's thought, especially with regard to after the elaboration of the method dialectical materialist. Equally, seeks to demonstrate materialism and the dialectic as centrals for understanding Epicurus philosophy from Marx theses, as it underpins other ideas addressed by the author, like Epicurus ethics, religious criticism, and germinal overcoming of Hegelian philosophy.

Keywords: Epicuro. Marx. Materialism. Dialectics. Doctoral thesis.

Introdução

A tese de doutoramento de Marx, intitulada *As filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro*, publicada no ano de 1841, com elaboração iniciada em 1839², representa uma primeira sistematização do pensamento de Marx até a época, sendo concomitantemente um momento de condensação e ampliação de suas reflexões. Representa ainda a aproximação a um Marx que, na época, não era ainda materialista,

mas antes tinha uma visão de mundo expressa “num panteísmo radical e ateu, com traços de idealismo objetivo” (LUKÁCS, 2007, p. 127). Decorre daí a importância desta obra como ponto de partida nos estudos sobre o materialismo histórico-dialético, dado que representa um momento ainda inicial na aproximação de Marx tanto ao materialismo - do qual Marx já havia tido contato, ao menos por meio de Francis Bacon, alguns anos antes (ver MARX; ENGELS, 2010a, p. 19; 201) - como à dialética.³

Nesta obra, Marx teve como objetivo formular uma distinção entre o pensamento materialista e atomista de Demócrito e Epicuro, identificando uma superação deste último em relação ao primeiro, em decorrência, principalmente, da apreensão do movimento dialético da realidade no pensamento de Epicuro.

O trato deste tema por parte de Marx se fez necessário devido ao fato de, como ele mesmo explica, haver em sua época, inclusive por parte de Hegel, “o hábito de identificar as físicas de Demócrito e de Epicuro, ao ponto de apenas ver nas modificações realizadas por Epicuro simples iniciativas arbitrárias” (MARX, 1972, p. 135).

Marx se propunha realizar uma análise profunda dos pensamentos de Epicuro e Demócrito, para além da superficialidade das suas respectivas ideias, de modo a possibilitar a diferenciação do pensamento de ambos a partir de seus elementos essenciais. O próprio Marx, anos mais tarde, em carta endereçada à Lassalle, confirmaria que “para Epicuro, ao contrário, pode-se demonstrar nos detalhes que, embora parta da filosofia natural de Demócrito, ele inverte em todos os pontos o seu verdadeiro significado” (MARX; ENGELS, 2010b, p. 269).

Dada esta breve descrição, me propus, no texto que segue, a analisar a tese de doutoramento de Marx de forma abrangente, a partir da percepção de que ela possui diversos elementos que perpassam a análise de Marx da filosofia de Epicuro, mas que eles só podem ser realmente compreendidos a partir do ponto central que é a demonstração da dialética imanente a apreensão epicuriana da realidade. Assim, existe nesta obra um encadeamento lógico-argumentativo que a permeia por inteira. Este encadeamento tem como fio condutor fundamental o trato do materialismo de Epicuro e sua essência dialética, da qual se constitui a base para a abordagem dos outros elementos que compõe a obra, como a questão religiosa, a ética epicurista e a crítica incipiente à filosofia hegeliana, devendo todos serem compreendidos como parte do desenvolvimento de uma argumentação mais ampla e fundamental, que abarca e sustenta todos estes elementos.

Dentro da parca bibliografia que se propõe a analisar esta obra de Marx, encontramos abordagens superficiais, em que não se apreende seu aspecto fundamental fundado na dialética de Epicuro. Trata-se de análises que partem de uma abordagem unilateral, analisando certos elementos enquanto temáticas isoladas do todo da obra e, sobretudo, do seu elemento central (ver, por exemplo, FARRINGTON, 1968; FILHO, 2011). Outras abordagens, como a de Lukács (2007) e Foster (2000), por sua vez, apreendem o aspecto fundamental da obra, mas sem maior riqueza de detalhes, não abarcando a gama de elementos

abordados por Marx, sem proporcionar uma articulação de seus diferentes elementos a este fundamento e de como eles, por isso mesmo, são determinantes na compreensão do método que nesta obra se gestava.⁴

O conteúdo desta obra assume, com isso, um duplo significado: é, por um lado, uma tentativa de elaboração de uma visão diferente da formulada por Hegel em *A história da Filosofia* quanto aos filósofos da antiguidade, por isso mesmo, uma superação neste sentido da análise hegeliana e de seu próprio sistema, mesmo que, como veremos, sem ainda o contrapor profundamente; por outro lado, trata-se de uma aproximação mais fundamental a concepção materialista, compreendendo-a por meio de suas raízes em Demócrito e, principalmente, Epicuro, em que em relação a este último tem-se ainda uma aproximação a dialética a partir de uma base materialista (MARX; ENGELS, 2003).

A crítica da religião

O primeiro elemento para compreensão da influência do pensamento de Epicuro sobre Marx diz respeito à forma com que ambos viam a religião. Desde por volta de 1835, Marx já rompia com o pensamento religioso, se tornando ateu e um crítico da religião, se aproximando do pensamento racionalista da tradição iluminista (CORNU, 1965). Epicuro, por sua vez, em seu tempo e posteriormente, ficou marcado pelos combates travados contra a tradição religiosa de sua época e seus representantes, constituindo-se inclusive, segundo Russel (1957), um dos motivos para sua retomada no século XVIII, por materialistas como Bacon. A primeira aproximação em termos de similaridade entre as ideias de Marx até aquele momento e o materialismo de Epicuro pode, assim, ser encontrada na crítica religiosa formulada por ambos, que vai proporcionar uma base materialista para as formulações críticas em relação à religião por parte de Marx.

Em Epicuro o elemento central na sua crítica à religião são os fundamentos de que parte para essa realização. Epicuro, conforme a tese analisada (MARX, 1972), se fundamenta numa visão materialista e dialética do mundo, que tem como pressuposto basilar a realidade material em movimento por si mesma, enquanto autocriação e auto-movimento, negando qualquer amarra determinista, não podendo, assim, admitir a existência de um ser que transcenda o próprio mundo e que o governe. Esta negação da religião terá implicações, inclusive, na formação do seu pensamento enquanto materialista e, ao mesmo tempo, dialético, pois permite o entendimento do real em seu movimento engendrado a partir de si mesmo.

Além disso, a característica metafísica da religião tem implicações éticas das quais Epicuro foi sempre forte opositor, pois para ele “as duas maiores fontes do medo eram a religião e o terror da morte, os quais se achavam ligados” (RUSSELL, 1957, p. 224). A religião, portanto, tinha de ser combatida, executando esta crítica a partir de fundamentos materialista-dialéticos da realidade. Segundo Cornu (1965), esta forma de ver o mundo e suas implicâncias éticas seriam compartilhadas por Marx, quando este identifica a religião enquanto produto da alienação humana (MARX, 2004).

Marx se propõe, a partir das análises da filosofia de Epicuro, a apreender a religião de um ponto de vista histórico e social, o que é feito já na referida tese, apesar de ainda de forma rudimentar se comparado ao seu desenvolvimento posterior. Assim, ele afirma:

O facto de *existir um céu* é evidente; é uma tradição que remonta aos antepassados e aos seus predecessores, e que sobreviveu como mito nas idades posteriores [...] O resto foi acrescentado miticamente a fim de que as multidões acreditassem, pois que tal era útil às leis e à vida. Os homens julgam os deuses semelhantes aos homens e a alguns outros seres vivos, e forjam coisas idênticas, conexas e aparentadas. (MARX, 1972, p. 205)

A abordagem da religião tem grande importância do ponto de vista da formação do pensamento de Marx até aquele momento e posteriormente, pois representa uma primeira aproximação necessária para uma abordagem da questão religiosa de um ponto de vista que vai além do campo universal-abstrato, mas antes parte da base concreta da realidade, que iria se consolidar na disputa de Marx contra Bruno Bauer (MARX, 2010a).

Esta forma de analisar a questão religiosa se torna patente no momento em que Marx elabora uma crítica a Hegel pela sua formulação rasa a respeito das discussões teológicas. Segundo Marx, “Hegel inverteu em um único gesto todas estas provas teológicas, isto é, rejeitou-as a fim de as justificar” (MARX, 1972, p. 218). Tal fato tem suas raízes na própria concepção hegeliana de mundo, à qual Marx já estabelece pontuações críticas em sua tese, conforme abordarei em outro momento.

Ainda quanto à importância da crítica religiosa para a superação do pensamento hegeliano, é necessário identificar que posteriormente ficará marcado em algumas obras de Marx a crítica a este pensador pela analogia entre sua lógica especulativa e de seus seguidores com o pensamento teológico, como, por exemplo, em *A Sagrada Família*, em que Marx afirma que a concepção hegeliana do mundo “não é mais do que a expressão *especulativa* do dogma *cristão-germânico*” (MARX; ENGELS, 2003, p. 102).

Com isso, Epicuro e sua crítica religiosa, carregada dos pressupostos e das consequências apontadas, constitui um estágio importante no desenvolvimento da crítica religiosa de Marx e da própria superação do caráter especulativo do sistema de Hegel, que Marx viria alguns anos depois em *Crítica da filosofia do direito de Hegel* chamar de “misticismo lógico” (MARX, 2010b, p. 29). Além disso, esta crítica demonstra uma aproximação de Marx com a concepção materialista de Epicuro.

A dialética no materialismo de Epicuro

Adentramos neste momento ao que considero ser o aspecto central da obra, em que Marx buscou realizar uma análise contrária à feita por Hegel quanto aos fundadores do materialismo - Demócrito e Epicuro - por meio da identificação da dialética imanente ao pensamento de Epicuro, contrariando ainda os preconceitos de outros pensadores que analisaram estes filósofos, que afirmavam que Epicuro não havia avançado no atomismo de Demócrito e que no máximo o tinha desvirtuado (MARX, 1972).

Marx fundamenta que existe uma “diferença essencial” (MARX, 1972, p. 138) entre as concepções da realidade de ambos: encontra-se na filosofia materialista de Epicuro fundamentos dialéticos

essenciais. Conforme buscarei desenvolver, Epicuro, segundo Marx, apreende a realidade enquanto um vir-a-ser constante, pautado na contradição entre os átomos. Ou seja, Epicuro apreende a transitoriedade do real, atacando a naturalização dos fenômenos, demonstrando que estes têm existência fortuita e perene. Disso decorre a afirmativa de que a fonte do movimento da realidade não se encontra fora dela, mas antes é automovimento da realidade a partir da contradição dos átomos, sendo, por isso, desenvolvimento a partir de si mesma. Epicuro identifica o negativo enquanto momento essencial da realidade, na relação de contradição entre os átomos e o vazio. Além disso, apreende a unidade existente do real, em que os átomos ao mesmo tempo em que são uno, também são múltiplos, são unidades de multiplicidade dentro da totalidade da sua existência. Por fim, Epicuro empreende ainda a diferença entre aparência e essência (MARX, 1972).

Assim, é a partir das influências da lógica dialética de Hegel que Marx formula sua análise de Epicuro, identificando no pensamento destes traços fundamentais desta compreensão dialética da realidade, ao mesmo tempo em que, a partir do materialismo epicurista, busca superar a lógica hegeliana em seu caráter mistificador.

Esta análise coincide com a feita por Lukács, quando este afirma que Marx “se orientou no sentido de reabilitar a tradição materialista”, identificando “na doutrina de um de seus mais insignes expoentes as premissas de uma abordagem dialética.” (LUKÁCS, 2007, p. 128). Foster (2000, p. 64)⁵ se alinha a esta interpretação, afirmando que a tese de doutoramento de Marx “constitui um esforço por abordar as implicações da dialética materialista de Epicuro do ponto de vista do sistema filosófico de Hegel e de ir por vezes, em alguma medida, mais além deste”. Em síntese, esta obra caracteriza-se por ser a primeira vez que se busca apreender a dialética dentro da tradição materialista, invertendo a concepção hegeliana da história e, igualmente, retirando-se a rigidez da concepção da vida material (LUKÁCS, 2007).

Mas para além de permanecer nesta constatação do aspecto fundamental da obra, me propus, conforme já afirmei inicialmente, a realizar um mergulho nos elementos que lhe permeiam, para que possamos compreender sua dinâmica e igualmente não cair em uma visão universal-abstrata da mesma, sem levar em consideração os elementos que a compõem e perpassam esta argumentação central.

O primeiro pressuposto que deve ser salientado para compreensão da imanente dialética no pensamento de Epicuro, conforme já indiquei, é a sua concepção materialista da realidade. A partir deste pressuposto, é possível identificar na tese de Marx a análise de uma teoria do conhecimento em Epicuro, pautada na ideia de que um princípio é sempre um princípio em relação ao mundo concreto, não tendo, por isso, uma existência excluída do real. Mas Marx não se limita a constatar este aspecto do pensamento de Epicuro, mas antes vai ao encontro dele, afirmando que “quando a filosofia, enquanto vontade, se opõe ao mundo dos fenômenos, o sistema transforma-se numa totalidade abstrata” (MARX, 1972, p. 159), antecipando mais uma vez algumas críticas à concepção idealista, aproximando-se dos princípios materialistas.

É assim que Marx chega à concepção dialética de Epicuro calcada numa visão materialista do mundo. Marx analisa que em Epicuro a dialética, que é a essência interna destes princípios, só pode se desenvolver exatamente quando esses princípios são colocados relativamente ao mundo concreto, pois estes são apenas idealidades do real, sendo vazios se em si mesmos, pois não são os pressupostos do real, ou seja, o real existe independentemente dos princípios que fazamos deles (MARX, 1972). Isso significa que uma análise da realidade tem que se manter fiel à própria realidade e sua dinâmica, ao contrário de uma imposição lógica a ela (como feita por Hegel, conforme veremos).

Esta ideia é confirmada e desenvolvida no momento em que na tese, Marx defende Epicuro contra Plutarco, expondo uma concepção dialética do conhecimento, baseada no saber na sua relação com o mundo sensível:

Se se quiser resolver esta dialética da certeza sensível sem sair desta última, deve-se afirmar que a propriedade reside nos dois termos tomados em conjunto, na relação entre o saber sensível e o sensível, e que portanto ela é imediatamente distinta na exacta medida em que essa relação é imediatamente distinta. O erro não é assim atribuído nem à coisa nem ao saber; pelo contrário, é o conjunto global da certeza sensível que é considerado como processo vacilante. (MARX, 1972, p. 63)

Epicuro chega a estas conclusões, segundo Marx, por partir do mundo concreto, empírico, mas sem permanecer na superficialidade da empiria, ao contrário, busca compreender os fundamentos do real, inclusive na forma como a realidade se movimenta, ou seja, em sua dinâmica interna, mas sem cair em especulações metafísicas.

Retorno com isso, ao núcleo fundamental da tese de Marx, em que Epicuro afirma, assim como Demócrito, que a realidade é constituída por átomos e vazio, mas ao contrário de Demócrito, não considera que estes átomos tenham qualquer tipo de necessidade, que seria contrária ao acaso em favor de uma “*necessidade relativa*” ou “*determinismo*”, conforme afirma Marx (MARX, 1972, p. 152).

Russell (1957, p. 224), corroborando esta tese de Marx, afirma que Epicuro “seguiu Demócrito em sua crença de que o mundo consiste de átomos e de vazio; mas não acreditava, como Demócrito, que os átomos são, em todos os momentos, dirigidos completamente por leis naturais”. Essa diferenciação de Epicuro, segundo será analisado, é fundamental para compreensão da essência dialética em seu materialismo. Nas palavras de Epicuro:

A *necessidade*, que é aceite por alguns como senhora absoluta, *não* existe; pelo contrário, certas coisas são *fortuitas* e as outras dependem do nosso arbítrio. A necessidade não pode convencer e o acaso é instável; valeria mais seguir o mito dos deuses do que aceitar o *eimarméne* (destino) dos físicos, pois o primeiro deixa-nos a esperança da misericórdia se honrarmos os deuses enquanto o segundo apenas antevê a necessidade inflexível. Mas o que devemos admitir é o *acaso* e não Deus, contrariamente ao que julga a multidão. (SÉNECA, s.d., s.p. *apud* MARX, 1972, p. 151)

Contrariamente ao Demócrito, como afirma Marx, em Epicuro tudo tem essência fortuita, inclusive as representações, não tendo nenhuma necessidade de existência, nenhum comprometimento com futuro ou o passado, apenas sendo átomos que tem como princípio de seu movimento o vazio. Em Epicuro o concreto é concreto por que é formado por um complexo de átomos em uma “*guerra eterna*”

(MARX, 1972, p. 74 – *grifo nosso*), de repulsão e atração, sem propósito ou sentido. Epicuro faz, antes de tudo, desvanecer todas as determinações e necessidades *a priori* do mundo, tendo como categoria soberana o acaso. Com isso, o mundo está livre para seguir seu curso sem determinismos prévios, pois Epicuro “procura a ausência de pressuposto no próprio mundo do pressuposto substancial [...] se desvia do determinismo elevando o acaso” (MARX, 1972, p. 75).

Cabe fazer aqui um parêntese quanto ao trato sobre o acaso e o determinismo para salientar a importância da apropriação das contribuições de Epicuro na construção intelectual de Marx, sobretudo porque a questão do determinismo histórico ou não da teoria deste último seria pauta de discussões acaloradas entre os intérpretes de suas obras (NETTO, 2011). Além disso, representa também uma base para o posterior combate travado por Marx contra os economistas de seu tempo e suas leis naturais e imutáveis (ver MARX, 1985; MARX, 2004). Combate parecido foi feito pelo próprio Epicuro, que em sua época criticava os pensadores de seu tempo que buscavam enquadrar e engessar a história. Conforme sintetiza Foster (2000, p. 19):

É importante compreender que a concepção materialista da natureza, tal como Marx a entendia [...] não implica necessariamente um determinismo mecânico rígido, com no mecanicismo [...] A forma em que Marx enfoca o materialismo se inspirava, em considerável medida, na obra do filósofo grego antigo Epicuro.

Elemento fundamental para análise da compreensão dinâmica do real por parte de Epicuro, e que deve ser entendida dialeticamente em relação à noção de acaso, é o de transitoriedade. Sendo a matéria algo perene para Epicuro, a realidade caracteriza-se enquanto um eterno vir-a-ser, onde tudo é suprimido pelo movimento dialético da realidade. Como afirma Foster (2000, p. 23), o “materialismo epicuriano havia enfatizado a mortalidade do mundo, o caráter transitório de toda vida e de toda existência”, sendo assim, “seus princípios mais fundamentais eram que o nada procede do nada e que nada, ao ser destruído, pode reduzir-se ao nada”. Por estar voltado a fundamentos como este, Marx pôde identificar a dialética essencial no materialismo de Epicuro, pois até o momento foi exposto relativamente (ou ao menos suas bases iniciais) a lógica da dinâmica da vida material que Marx desenvolveria ao longo de suas obras posteriores.

É importante salientar o afastamento de Marx, por meio da aproximação a Epicuro, do determinismo de Demócrito, ao mesmo tempo em que se diferencia da lógica especulativa de Hegel, não por uma síntese eclética de ambos, mas antes por uma inversão da lógica hegeliana a partir de uma abordagem ontológica com base na concepção materialista, ou seja, com pressupostos concretos, por meio da filosofia de Epicuro, não sendo necessário recorrer à transcendentalidade para a explicação do real em seu movimento.

A questão da transitoriedade representa na filosofia de Epicuro, segundo apreendeu Marx, a categoria de negação na lógica hegeliana, que, por conseguinte, é assim definida na tese de Marx: “o vazio, a negação, não é o negativo da matéria, mas existe precisamente onde a matéria não existe. Deste ponto de vista, esta negação é também eterna em si mesma” (MARX, 1972, p. 44).

Tem-se uma superação, que seria característica da apropriação de Marx da lógica de Hegel, de categorias fundamentais do sistema hegeliano, com base no materialismo de Epicuro. Como explica Foster (2000, p. 23), “para Marx, a profundidade do materialismo epicuriano se revelava pelo fato de que [...] ‘a morte da natureza se converte em sua substância imortal’”. A concepção de transitoriedade vai aparecer de forma fundamental ao longo de todo o desenvolvimento histórico das ideias de Marx.

Em seus pormenores, Marx diz que esta característica da filosofia de Epicuro se deve a sua apreensão de que no movimento dos átomos, estes se desviam da linha reta, possibilitando o acaso. Por conta disso, Marx vai dizer que a “declinação epicurista dos átomos modificou [...] o conjunto da construção interna do mundo dos átomos” concebendo “a essência da repulsão” (MARX, 1972, p. 177), ou seja, seu caráter contraditório. Pois, para Marx, na concepção epicurista, os átomos do ponto de vista de sua totalidade se relacionam contraditoriamente entre si, por um lado, devido à imensidão de átomos existentes, sendo cada átomo diferente do outro em suas formas e qualidades, sendo ao mesmo tempo uma multiplicidade de átomos, sem, no entanto, deixar de ser todos átomos – o que demonstra uma apreensão dialética da essência do ser. Em outras palavras, são em si unidade ao mesmo tempo em que são múltiplos.

Por outro lado, estabelecem relações contraditórias devido ao seu movimento de repulsão, onde o átomo, pela negação de toda relação externa a si, mas, ao mesmo tempo, em busca de tornar-se consciência de si, vincula-se a outro idêntico a si, ou seja, outro átomo (CORNU, 1965), significando a própria “realização efectiva do conceito de átomo” (MARX, 1972, p. 176) em sua forma abstrata, como representamos.

Marx conclui afirmando que “Epicuro objectivou a contradição, incluída no conceito do átomo, entre essência e existência, criando assim a ciência do atomismo”, enquanto em Demócrito “não se encontra nenhuma realização do princípio e sim a mera defesa do lado material” (MARX, 1972, p. 187), ou seja, não sai “do círculo da reflexão empírica” (MARX, 1972, p. 203).

Se a realidade em sua universalidade é compreendida por Epicuro como contendo em si essencialmente seu aspecto negativo que possibilita seu devir, isso se deve, ou antes, fundamenta-se, na sua concepção atomista explicitada acima, que tem em si os elementos singulares em suas relações particulares da concepção materialista e dialética de sua filosofia. O que temos é uma rudimentar apreensão totalizante da realidade, na qual se constitui um todo articulado em que as diferentes partes (os átomos em suas qualidades particulares) se relacionam relativamente, formando o todo que é a realidade, tendo esta como fundamento de seu vir-a-ser as contradições nestas relações (a guerra entre os átomos).

Por fim, gostaria de expor uma análise importante realizada por Lukács em relação ao tempo na filosofia de Epicuro e que tem implicações na concepção da realidade, sobretudo no que toca a diferenciação entre aparência e essência:

Na filosofia natural de Demócrito, o tempo não tinha nenhuma significação; para Epicuro, ao contrário, o tempo era “a mudança do finito na medida em que é posto como alteração”: era “tanto a forma real, que separa o fenômeno da essência e põe o

fenômeno como fenômeno, quanto o que reconduz o fenômeno à essência” (Diferença, p. 42). Assim, diz Marx, para Epicuro “a sensibilidade humana é o tempo que se tornou corpo, a reflexão do mundo sensível que existe em si”. (LUKÁCS, 2007, p. 128-9)

Com isso, Marx trabalha, por meio da análise da filosofia de Epicuro, com categorias dialéticas de “um *ponto de partida concreto*” - mesmo que este ponto de partida seja demasiado abstrato, pautado na relação entre átomos ao invés de sujeitos históricos⁶ -, invertendo mais uma vez a lógica hegeliana (MARX, 1972, p. 17).

A dialética da libertação humana

Todo o pensamento de Epicuro – como já ficou patente quando tratamos da sua crítica à religião -, tinha como produto final uma filosofia da liberdade humana, ou o que ele chamou de *ataraxia*, que significa segundo Marx (1972, p. 19-34), a “ausência de perturbações”, ou “o repouso da alma”. O conhecimento produzido por Epicuro tem, em si, um sentido incidente na práxis humana: libertar o indivíduo da dor e do medo.

No entanto, essa filosofia de vida aparece na análise de Marx como elemento de uma totalidade mais complexa, que envolve fundamentalmente pressupostos materialistas e igualmente dialéticos, que refletem e determinam a filosofia do prazer de Epicuro. Como é afirmado por Lukács (2007, p. 128), “a filosofia epicuriana continha os elementos iniciais de uma concepção dialética do acaso, que abria ao homem o caminho para a liberdade”. Foster (2000, p. 19) argumenta igualmente a Lukács que a filosofia de Epicuro “tinha por finalidade mostrar como uma visão materialista da natureza das coisas proporcionava as bases essenciais para uma concepção de liberdade humana”.

A própria representação materialista e dialética do mundo, por parte de Epicuro, possibilita a eventual defesa da liberdade, pois “o mundo é apresentado como possibilidade e contingência, o livre arbítrio e a liberdade do sujeito são pensados, pois, correlativamente”, como afirma Collin (2006, p. 26). Faz-se necessário pensar a questão da liberdade, portanto, em suas diferentes dimensões, tanto em termos de fundamentos da matéria, ou seja, nos átomos, como, por conseguinte, da própria possibilidade de liberdade individual. Em outras palavras, a liberdade é entendida “como autonomia individual dada pelo próprio movimento natural da realidade” (Oliveira, 2008, p. 255). Marx resume bem esta ideia quando afirma que em “Epicuro, não há nenhum bem do homem que esteja fora dele próprio; o seu único bem que depende do mundo é o movimento negativo que consiste em ser livre relativamente a esse mundo” (MARX, 1972, p. 49).

Além disso, não está dada a liberdade imediatamente com a afirmação da sua possibilidade pela negação dos determinismos e transcendentalidades metafísicas, é necessário, antes, a mediação entre o universal e o singular, que é feito por Epicuro por meio do conhecimento filosófico. Para o filósofo ter conhecimento da natureza, compreendendo sua racionalidade, era o primeiro passo para a libertação do

indivíduo, pois o afastava das angústias e medos derivados da ignorância (LUKÁCS, 2007; FARRINGTON, 1968; FILHO, 2011).

Marx por vezes em sua tese vai ao encontro a essa concepção de filosofia por parte de Epicuro, sobretudo quando aponta que a filosofia tem uma necessidade prática, por conseguinte, a sua não permanência no campo puramente abstrato, mas igualmente - e aí decorrente da própria concepção materialista - da sua efetivação e concretização na vida material. Essa concepção dialética do materialismo, que seria mais bem definida e defendida na polêmica contra Feuerbach, em *A Ideologia Alemã* (MARX; ENGELS, 2007), tem seus primeiros esboços na tese de doutoramento, como, por exemplo, quando afirma Marx, que o gozo da vida e da liberdade é consequência daquele que sente o “prazer em construir o mundo inteiro com os seus próprios meios, em ser um criador do mundo” (MARX, 1972, p. 69). E apesar de ainda ser formulado marcadamente em termos individuais baseados na autoconsciência, Marx já evidencia “sua simpatia pelo materialismo como ideologia da emancipação humana” (LUKÁCS, 2007, p. 129) quando afirma, por exemplo, que

Quando consideramos a natureza como sendo racional, termina a nossa dependência relativamente a ela. Deixa de ser um sujeito de medo para a nossa consciência; ora, é justamente Epicuro que faz da forma da consciência na sua imediatez (o ser para si), a forma da natureza. Só quando a natureza é deixada totalmente livre da razão consciente e é considerada no interior de si mesma como razão, é que é totalmente possuída por ela. Qualquer relação com a natureza, enquanto tal, é simultaneamente um ser alienado dessa natureza (MARX, 1972, p. 115-6).

Assim, mesmo que ainda de forma limitada, o entendimento da necessidade da filosofia enquanto efetivação prática, mais especificamente com a libertação humana, já se encontrava aqui presente. Esta ideia seria mais explicitamente desenvolvida em *Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução*, quando Marx defende que a filosofia tem tarefas práticas transformadoras da realidade a realizar (MARX, 2010b). Tal ideia aparece concretamente na seguinte passagem de sua tese:

Constitui uma lei psicológica o fato de o espírito teórico que se torna livre em si mesmo se transformar em energia prática, sair como *vontade* do reino das sombras de *Amênti* e voltar-se contra a realidade mundana que existe sem ele [...]. Mas a *prática* da filosofia é em si mesma *teórica*. É a *crítica* que mede a existência singular da essência, a realidade efetiva típica da ideia. Mas esta *realização imediata* da filosofia é, na sua essência mais íntima, atormentada por contradições; e esta essência, que é sua, toma a forma no próprio fenômeno imprimindo-lhe o seu selo (MARX, 1972, p. 159).

E se a libertação humana encontrava-se como fim último da filosofia de Epicuro, fundamentada na sua forma de conceber o mundo, o mesmo pode-se dizer em relação às obras posteriores de Marx, seja inicialmente pela libertação, enquanto autoconsciência e nos limites da sociedade burguesa, como na *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, ou na radicalização da democracia em *Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução* (MARX, 2010b), em nome da emancipação do proletário e, como consequência, da própria humanidade.

Mas o que de fato é central aqui é o desprendimento das amarras do mundo efetivado por Epicuro, e que possibilita, de forma relativa dentro de determinados limites, a liberdade humana no

sentido de construção da sua própria história, baseado nas condições dadas da sua existência. Por mais que se paute ainda em uma visão individualista, conforme aponte, constitui-se um passo importante na elaboração de uma centralidade da práxis humana. Lukács (2007, p. 129), igualmente, compreende que, enquanto Demócrito elaborou uma filosofia que se refere apenas a natureza, “a doutrina atomística de Epicuro apresenta ao mesmo tempo categorias que se referem a determinações da vida humana e social” e que “vale também para a explicação de relações e de instituições sociais concretas”.

A crítica a Hegel

A tese de doutoramento de Marx possui ainda, enquanto um dos seus elementos, a partir da crítica a concepção religiosa e metafísica e da aproximação ao método materialista de Epicuro, uma germinal superação da concepção lógico-especulativa de Hegel. Ou seja, como igualmente defende Lukács (2007), nesse período já estava presente em Marx as bases de uma posterior superação da filosofia hegeliana, principalmente se levado em consideração, como defendido por Collin (2006), que Marx não era e nunca foi verdadeiramente um hegeliano.

É preciso de antemão recordar que, como explica Netto (2020, p. 47), a filosofia hegeliana foi desde a morte de Hegel até os acontecimentos de 1848, “o eixo de gravitação em torno do qual legatários e opositores desse filósofo travaram intensa batalha de ideias”. Não por acaso, portanto, que, como defende Netto (2020, p. 56), sua tese de doutoramento “move-se na órbita de Hegel e do seu idealismo”, mesmo que, como estamos defendendo, Marx vai “além das posições hegelianas, sobretudo na recuperação positiva do antigo materialismo”.⁷

Na carta já citada a Lassalle, Marx confirma essa mediação proporcionada por Epicuro para superação de Hegel, afirmando que o filósofo “iludiu até homens de intelecto como Bayle, para não falar de Hegel *ipsissimus* [seu próprio eu]” (MARX; ENGELS, 2010b, p. 269)⁸. E aponta já no prefácio à tese o problema fundamental da abordagem feita por Hegel, a saber, sua concepção especulativa:

É verdade que Hegel determinou no seu conjunto, e com exactidão, o elemento geral destes sistemas [epicurista, estóica e céptica]; mas a admirável grandeza e audácia da sua história da filosofia, que marca o nascimento propriamente dito dessa mesma história, impedia-o de entrar em detalhes. Por outro lado, a sua concepção do que chamava especulativo *par excellence* não permitia que este gigantesco pensador reconhecesse nesses sistemas a enorme importância que têm para a história da filosofia grega e para o espírito grego em geral. (MARX, 1972, p. 124)

Segundo Marx, contrariamente a Hegel, o que caracteriza a existência sensível é o ser sujeito, tendo sua realidade independente dos predicados e, por conseguinte, não sendo ela um predicado, por exemplo, do Espírito hegeliano. Ou seja, a realidade sensível (sujeito) existe independente das representações (predicado) que dela se façam. Em suas palavras, “o que é característico da existência do sensível é antes o de não ser um tal predicado, de não constituir um ser ou um não-ser consistente. Quando se separam estes dois termos, separa-se justamente o que não está separado na sensibilidade”. E antecipando a crítica que tornar-se-ia corrente em suas obras posteriores a Hegel e seus seguidores (ver,

por exemplo, MARX; ENGELS, 2004), afirma que o “pensamento comum tem sempre predicados abstratos a que recorrer, predicados que separa dos sujeitos; E todos os filósofos transformaram predicados em sujeitos” (MARX, 1972, p. 63-4).

Em sua tese, Marx traz ainda, como exemplo do que foi argumentado acima, uma crítica ao “pedantismo platônico”: “Este não suprime o sensível, mas afirma o ser do pensamento”, afirma Marx (1972, p. 64), “O ser sensível transcende os pensamentos; e como o pensamento se torna igualmente um ser, estes dois reinos possuindo o ser subsistem um ao lado do outro”. Por fim, ainda segundo Marx,

Se a consciência de si abstractamente-singular é considerada como princípio absoluto, toda a ciência verdadeira e real é suprimida no sentido de que não é a singularidade que reina na própria natureza das coisas. Mas isto equivale igualmente ao desmoronamento de tudo o que transcende a consciência humana e pertence ao entendimento imaginativo. Se, pelo contrário, se erigir em princípio absoluto a consciência de si que apenas se conhece sob a forma de universalidade abstracta, abre-se a porta ao misticismo supersticioso e servil [...] A consciência de si abstractamente-universal possui em si, com efeito, a tendência para se afirmar nas próprias coisas em que apenas se afirma negando-as. Epicuro é portanto, de todos os Gregos, o maior filósofo das “luzes”. (MARX, 1972, p. 214)

Marx efetua ainda uma crítica à forma com que Hegel analisou o sistema filosófico epicurista, estoico, e cético, afirmando que “foi justamente a forma subjectiva, o suporte espiritual dos sistemas filosóficos, que até agora se esqueceu totalmente em proveito das determinações metafísicas desses sistemas” (MARX, 1972, p. 137), dando assim intenção de, segundo Chasin (2009, p. 46), “reclamar contra a tematização unilateral e quase que exclusivamente voltada aos desenvolvimentos da autoconsciência impessoal ou absoluta de Hegel”.

Em contrapartida, quando aborda a forma com que a historiografia da filosofia deve comportar-se, Marx demonstra o que seria o seu modo de proceder na análise da filosofia de Epicuro e Demócrito. Para ele, não se deve investigar a configuração psicológica do filósofo para compreender seu sistema, mas antes encontrar neste último seus determinantes que lhe são particulares e característicos, a realidade que o perpassa e, claro, o próprio sistema enquanto argumentação e enfrentamento aos pensamentos diversos (MARX, 1972). O objetivo é encontrar em Epicuro, Demócrito ou qualquer outro, o próprio desenvolvimento da verdade filosófica e as particularidades que alcança em cada momento, o compreendendo, assim, na totalidade de sua existência histórica.

Igualmente, Marx demonstra a mesma insatisfação quanto a opinião formulada pelos jovens hegelianos contra seu mestre, apontando que os problemas da filosofia de Hegel, que estes chamam de “acomodações”, devem-se, na verdade, à própria insuficiência do seu sistema filosófico, em decorrência de seu caráter metafísico-idealista (MARX, 2010b; LUKÁCS, 2007).

Além disso, analisando Epicuro por uma perspectiva histórica, Marx identifica que muito antes dos contratualistas do iluminismo, o filósofo já afirmava que o fundamento do Estado é o contrato social, pois afirmava que seu fim está na utilidade em que tem para a sociedade. Essa ideia é corroborada por Russell (1957, p. 222) quando este diz que a justiça epicuriana “consiste em agir de maneira a não ter

ocasião de temer-se o ressentimento dos outros homens”, e conclui afirmando que esta opinião “conduz a uma doutrina da origem da sociedade em que nada difere da teoria do Contrato Social”.

É legítimo, portanto, também neste aspecto a colocação de Epicuro como o filósofo das luzes dentre os gregos. E ainda mais, tal concepção já aponta para uma necessidade de legitimação do Estado ante a sociedade civil, ou seja, encontra-se aqui a ideia da determinação do Estado pela sociedade civil, que seria retomada como argumento central na *Crítica da filosofia do direito de Hegel* por Marx na crítica à teoria do Estado hegeliano.⁹

Com isso, do ponto de vista de toda a formação do pensamento de Marx, ou, em outras palavras, da totalidade do seu pensamento, que seria posteriormente desenvolvido, pode-se dizer que em sua tese já se encontrava a tendência de uma crítica a Hegel, que iria se tornar efetiva no ano de 1843 em sua *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, por meio de uma crítica sistemática. Tendência essa que já vinha sendo desenvolvida por Marx e se tornando visível desde muito cedo em seus textos, pela análise das discussões centrais da época, tendo sempre uma atitude crítica diante destas (LUKÁCS, 2007). Dentre as discussões, podemos destacar a centralidade de Hegel na participação e elaboração dos resultados científicos da época, com quem, como visto, Marx estabelece uma relação de apropriação e superação, na busca de reconstruir suas ideias a partir da crítica.

A importância da referida tese explicita-se, portanto, na medida em que esse momento de apropriação ficará marcado na trajetória intelectual de Marx, de maneira mais ou menos explícita, seja no que toca à linguagem, de forma inicial, ou, o que é mais fundamental, ao seu método de análise da realidade.

Mas se são dadas as bases para o desenvolvimento de uma crítica essencial, nesse momento ela se dá ainda, como afirmado, de forma muito germinal, devendo-se, portanto, ser compreendida dentro de seus limites, principalmente se levado em consideração a influência patente de Hegel nesta tese de Marx (1972), que se explicita, por exemplo, na linguagem utilizada. Quanto a isso, Oliveira (2002, p. 17) confirma que Marx trabalha a partir de um ponto de vista argumentativo marcadamente de orientação filosófica hegeliana, onde “ao longo de todo o trabalho, Marx opera especialmente com categorias hegelianas”.

Assim, sua tese constitui-se apenas um ponto de partida para uma posterior elaboração de forma mais desenvolvida e fundamental na *Crítica*, e que iria prolongar-se por diversas obras de Marx. No que toca esse aspecto, afirma Lukács que

A crítica contida na tese de doutorado ainda não se dirige contra o núcleo central da filosofia de Hegel [...] e nem mesmo contra as contradições do método dialético idealista. O problema central é aflorado na tese somente de modo muito genérico; uma crítica concreta, nesse primeiro momento, está dirigida apenas contra alguns aspectos, ainda que importantes, da concepção hegeliana da história. (LUKÁCS, 2007, p. 125)

Se ainda não se tem, na tese de doutoramento de Marx, uma crítica fundamental ao sistema hegeliano, por outro lado, segundo defende Oliveira (2002, p. 17), “o uso de tais categorias não é a de um

mero reprodutor do pensamento do mestre; [pois] já nesse estágio demonstra capacidade de rejeitar certas concepções hegelianas”. E ainda mais, segundo defendido, Marx apropria-se de Hegel ao mesmo tempo em que transforma a lógica especulativa de Hegel a partir de uma análise materialista mediada pela análise da filosofia de Epicuro.

Gesta-se assim uma crítica ao idealismo hegeliano, concomitantemente com uma aproximação ao materialismo em suas raízes e, com isso, são igualmente assentas as bases para um método autônomo por parte de Marx, tendo como base a apropriação e superação de Hegel e Epicuro. Daí a importância desta obra para a formação do pensamento de Marx, pois como aponta Collin (2006, p. 16), nela “estão expressas algumas proposições que permanecerão fundamentais e às quais o próprio Marx fará alusões indiretas em numerosos textos posteriores”. E ainda mais, para além de algumas proposições, esta obra representa um conjunto basilar para o posterior desenvolvimento do materialismo dialético de Marx, que se inicia de forma embrionária já naquele momento.

Considerações finais

Seguindo as trilhas das análises de Marx, em síntese, estas levaram a salientar como ponto central da dialética de Epicuro e enquanto ponto de grande importância no desenvolvimento do método materialista dialético por parte de Marx, uma teoria do movimento sem cair numa visão idealista da vida, mas antes, se mantendo firme a uma concepção materialista com base na sua teoria dos átomos. Aí se encontra uma tendência a um ulterior desenvolvimento de uma concepção dinâmica da história e dos fenômenos sociais. Mas, conforme demonstrei, Epicuro não se limita a desenvolver uma teoria dos átomos e afirmar que eles dinamizam a realidade, mas antes já apontava os fundamentos do movimento deste último enquanto movido por contradições, representadas na guerra entre os átomos.

Assim, concepção materialista da história, a dinâmica interna dos fenômenos e da realidade como um todo, mesmo que de um ponto de vista ainda um tanto quanto abstrato, pautado não na práxis humana, mas antes fundamentalmente em algo mais básico e abrangente que ela, mesmo que sem negar sua importância histórica, e a noção do conflito enquanto gerador da dinâmica do real, seriam elementos de grande importância, mesmo que embrionários, no desenvolvimento do método materialista dialético de Marx, que desenvolve estes elementos e o eixo central do pensamento de Epicuro com base não na centralidade dos átomos, mas antes dos indivíduos na construção da história.

Referências:

- CHASIN, José. **Marx**: estatuto ontológico e resolução metodológica. São Paulo: Boitempo, 2009.
- COLLIN, Denis. Epicuro e a formação do pensamento de Karl Marx. **Revista Politéia**, Bahia, v. 6, n. 1, p. 15-27. 2006.
- CORNU, Auguste. **Marx e Engels**: Del idealismo al materialismo histórico. Buenos Aires: Platina y Stilcograf, 1965.

- FARRINGTON, Benjamin. **A doutrina de Epicuro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- FILHO, Francisco. O Epicuro de Marx: considerações sobre a controvérsia ao redor da Clinamen. **Revista Intuitio**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 61-74, 2011.
- FOSTER, John. **La ecologia de Marx: materialismo y naturaleza**. Barcelona: Intervención Cultural y El Viejo Topo, 2000.
- KONDER, Leandro. O que é dialética? São Paulo: Brasiliense, 2008.
- LUKÁCS, György. **O jovem Marx e outros escritos de filosofia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.
- LUKÁCS, György. Para uma ontologia do ser social. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MARX, Karl. **As filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro**. Lisboa: Presença, 1972.
- MARX, Karl. A miséria da filosofia. São Paulo: Global, 1985.
- MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010a.
- MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2010b.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A sagrada família ou A crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stiner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Collected Works volume 1: Karl Marx 1835-43**. Londres: Lawrence & Wishart, 2010a.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Collected Works volume 40: Letters 1856-59**. Londres: Lawrence & Wishart, 2010b.
- NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.
- NETTO, José Paulo. **Karl Marx: uma biografia**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- OLIVEIRA, Renato. Considerações acerca da liberdade e da ética na tese A diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro de Karl Marx. **Revista Polymatheia**, Ceará, v. 4, n. 6, p. 251-265, 2008.
- OLIVEIRA, Avelino. **Educação e exclusão: uma abordagem ancorada no pensamento de Karl Marx**. Porto Alegre: URGS, 2002.
- RUSSELL, Bertrand. **História da filosofia ocidental**. São Paulo: Editora Nacional, 1957.

Notas

¹ Especialista em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar pela Universidade Federal do Paraná. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável, da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Assistente Social na Prefeitura Municipal de Garuva, Santa Catarina. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4716950117252279>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1476-280X>. E-mail: michaeltcordeiro016@gmail.com.

² Foi utilizado no presente trabalho tanto a tese em sua forma finalizada, apresentada em 1841, quanto seus cadernos preparatórios para esta, ambos compilados na edição da Editora Lisboa, de 1972.

³ Nos limites deste artigo, não é possível apresentar um tratamento mais conceitual ou histórico do materialismo e da dialética. Sugerimos ao leitor, para uma abordagem histórico-conceitual do materialismo, consultar Marx e Engels (2003), em especial o tópico Batalha crítica contra o materialismo francês (p.143-153) e às críticas à Feuerbach em Marx e Engels (2007). Quanto à dialética, em meio à enormidade de produções, sugerimos consultar Konder (2008). Por fim, para um aprofundamento do método dialético-materialista, para além das indicações que serão feitas ao longo do artigo, ver o capítulo sobre os princípios ontológicos fundamentais de Marx em Lukács (2012).

⁴ No primeiro caso, das análises superficiais, não significa que estas sejam destituídas de valor por não apreenderem o que considero (ao lado dos autores do segundo caso, dentre outros) o núcleo fundamental e de ligação da obra. A mesma consideração é verdade para os do segundo caso e de forma ainda mais patente, dado às suas imprescindíveis reflexões na compreensão da formação do método em Marx. Além disso, o fato de não exporem os elementos que aponte não significa que os autores desconhecem a sua existência.

⁵ Todas as citações deste autor são de tradução nossa.

⁶ Lukács (2007, p. 128) chama a atenção para este fato, afirmando que apesar dos limites das explicações de Epicuro em termos físicos, “o que interessava a Marx [...] era trazer à tona as profundas intuições filosóficas que se escondiam por trás dos despropósitos no que refere à física”.

⁷ Para mais informações quanto ao ambiente cultural desta obra, bem como da relação Hegel-Marx, consultar Netto (2020, p. 45-60).

⁸ Todas as citações desta obra são de tradução nossa.

⁹ Cabe pontuar a obviedade de que este paralelo é feito tomando-se as devidas proporções e limites históricos.

Recebido em: 30 de nov. 2021

Aprovado em: 19 de abr. 2022